

RUTH GUIMARÃES

# Dicionário da Mitologia Grega

2ª. Edição, 2022

*Apresentação à nova edição*  
Rafael Brunhara

Copyright © 2022 Editora Madamu

*Editores*

Marcelo Toledo e Valéria Toledo

*Projeto Gráfico e Capa*

KOPR Comunicação

Imagem da capa: busto de Poseidon em terracota, por Adam Lambert-Sigisbert (1725). LACMA Museum, Los Angeles, EUA.

Imagem das guardas: escultura de Adonis em mármore de Carrara, por Antonio Corradini (ca. 1723–25). MET Museum, Nova Iorque, EUA.

*Impresso no Brasil.*

*Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.*

*Todos os direitos reservados à Editora Madamu  
Rua Terenas, 66, conjunto 6, Alto da Mooca, São Paulo, SP  
CEP 03128-010 – Fone: (11) 2966 8497  
www.madamu.com.br  
E-mail: leitor@madamu.com.br*

G963d Guimaráes, Ruth (1920-2014)

Dicionário da Mitologia Grega / Ruth Guimaráes. Apresentação de Rafael Brunhara.  
– 2ª. ed.. – São Paulo: Editora Madamu, 2022.

364 p., 16 x 23 cm  
ISBN 978-65-86224-26-9

1. Mitologia Clássica – Dicionários. I. Título.

CDD: 292.1308  
CDU: 292 (038)

Índice para catálogo sistemático:  
1. Mitologia Clássica – Dicionários. I. Título.

## Sumário

<i>Apresentação à nova edição</i> , Rafael Brunhara . . . . .	7
<i>Introdução da 1ª. edição</i> , Ruth Guimaráes . . . . .	11
Lista de Verbetes . . . . .	17
Dicionário da Mitologia Grega . . . . .	27
Bibliografia Sumária . . . . .	361
Sobre a Autora . . . . .	363

# Apresentação à nova edição

O UNIVERSO, OS DEUSES E OS HOMENS  
POR RUTH GUIMARÃES

Rafael Brunhara<sup>1</sup>



“Canta, deusa, a cólera destrutiva de Aquiles, o filho de Peleu” – diz o primeiro verso da *Iliada*, o mais antigo poema da Grécia Antiga que chegou aos nossos dias. Imaginemos um leitor que tenha aqui seu primeiro contato com a literatura clássica. Possivelmente ele se perguntaria: “Quem é Aquiles? E Peleu? Quem é a deusa que canta?”. Estas personagens, que compunham o mito vivo dos gregos antigos, despertarão a curiosidade ou até mesmo a confusão de nosso leitor hipotético, já que hoje elas se tornaram objeto de fruição exclusivamente literária. São *mitologia*.

Há dois sentidos para a palavra mitologia: o primeiro diz respeito ao estudo e a explicação dos mitos; o segundo, é o de “coleção de mitos”. De fato, o substantivo grego *lógos*, que está na base da palavra mitologia, tem a mesma raiz de *légo*, um verbo que incorpora tanto a ideia de “coletar”, “reunir”, como a de “dizer”, “contar”<sup>2</sup>. Este trabalho que o leitor tem em mãos evidencia as duas acepções possíveis: é uma *coletânea* dos mitos mais frequentes na literatura da Antiguidade greco-latina, mas também são os mitos *contados* pela magnífica pena de Ruth Guimarães (1920-2014) – grande escritora da literatura brasileira, seja em trabalhos autorais, como o clássico romance *Água Funda* (1946), seja em traduções, nas quais emprestou seu talento a autores tão diversos como Apuleio, Balzac e Dostoiévski.

1. Professor de língua e literatura gregas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Doutor em Letras Clássicas pela USP.

2. Ver Gual, Carlos García. *Introducción a la Mitología Griega*. Madrid: Alianza Editorial, 1996.

O aspecto narrativo – afinal, o mito subsiste em textos da Antiguidade – é o que a própria Ruth Guimarães enfatiza quando ensaia uma proposta de definição de mito. Para ela, “a primeira forma do diálogo Eu-Tu, do homem com a natureza, ou do homem com Deus, foi em forma de histórias”. Eis aí o mito; e ao tratá-lo dessa forma a autora harmoniza a sua sólida formação em Letras Clássicas – realizada na USP, nas décadas de 1940 e 1950, que se pode observar também em sua tradução do *Asno de Ouro*, de Apuleio<sup>3</sup> – com um aspecto muito notável de sua obra: a atenção que dedicou à pesquisa de registros e formas orais. Pois, para Ruth Guimarães, o mito é a história originária, que será fixada, ampliada e sistematizada pelos poetas; está na origem da poesia, da literatura; é, enfim, “a força primordial das manifestações do espírito”. No entanto, ao lançar-se na tarefa, então pioneira, de registrar os mitos gregos em língua portuguesa, Ruth Guimarães o fez também com a perspicácia e a sensibilidade dos grandes escritores.

O leitor terá acesso, assim, a uma prática fonte de consulta para os mitos mais conhecidos da literatura clássica: esta, um conjunto de histórias que se entrecruzam em diversas obras e que se eternizaram ao longo dos séculos, pode configurar um desafio para qualquer leitor – não só o que trabalha diretamente com textos clássicos, mas qualquer um que em algum momento tenha que se haver com a miríade de referentes, personagens, imagens e símbolos da mitologia clássica.

Podemos agora imaginar de novo aquele mesmo leitor iniciante do primeiro verso da *Iliada*: a consulta a um bom dicionário de mitologia o fará descobrir que Aquiles era um herói tradicional e, dos diversos mitos sobre ele, o poeta da epopeia circunscreve o momento de sua cólera, no último ano da Guerra de Troia; por sua vez, Peleu é o pai de Aquiles, e a evocação de seu nome já assinala um ponto importante do drama da *Iliada*: ele é um mortal que se casou com uma deusa imortal, Tétis, gerando uma ambivalência que definirá toda a vida de Aquiles e, também, a trama do poema. Um dicionário de mitologia é obra de referência indispensável ao leitor, que poderá assim não só navegar com segurança pelos diversos nomes, topônimos e epítetos da Antiguidade, mas também enriquecer seu entendimento nas obras estudadas.

Entretanto, há mais um mérito neste dicionário especificamente: ele próprio também é *literatura*, escrita com clareza, beleza e método, sem deixar de lado o rigor e a erudição necessários a este tipo de obra. Eis aí, a meu ver, o valor do resgate do *Dicionário de Mitologia Grega* de Ruth Guimarães: com esta reedição, a Editora Madamu oferece ao leitor a possibilidade de conhecer (ou revisitar) a mitologia grega pelo olhar de um dos maiores nomes de nossa literatura.

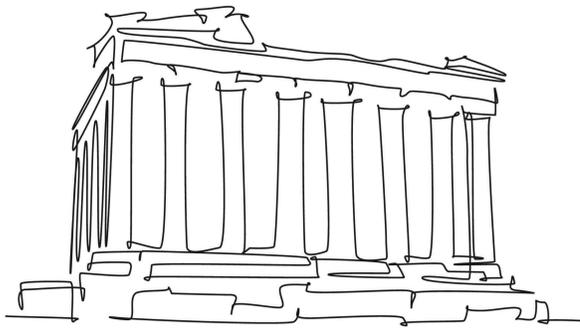
\* \* \*

Nesta edição foram conservados os nomes tal como empregados por Ruth Guimarães na primeira edição de 1972, ainda que possam divergir dos mais utilizados e recorrentes atualmente. Como explica a autora, por se tratar de obra pioneira em língua portuguesa, muitos nomes ainda não estavam padronizados: “em falta de um índice onomástico de confiança, completo ou pelo menos sem contradições, ficamos, os leitores de obras clássicas, entregues aos nossos próprios recursos que, na maioria das vezes, são parcos”. Procedendo assim, nosso objetivo foi manter a integridade do trabalho autoral de Ruth Guimarães. Apenas interferimos no texto quando havia diferentes grafias para um mesmo nome, optando pela mais correta conforme as regras de transcrição e vernaculização da língua portuguesa contemporânea. Para tanto, foi-nos de grande valia o *Índice de Nomes Próprios Gregos e Latinos*, de Maria Helena de Teves Costa Ureña Prieto, João Maria de Teves Costa Ureña Prieto e Abel de Nascimento Pena (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993) e o livro *Do Grego e do Latim ao Português*, de Maria Helena de Teves Costa Ureña Prieto, Maria Isabel Greck Torres e Cristina Maria Negrão Abranches (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995).

3. Apuleio. *O Asno de Ouro*. Tradução de Ruth Guimarães. Apresentação e notas adicionais de Adriane da Silva Duarte. São Paulo: Editora 34, 2019.

# Introdução

## DA GRÉCIA



**N**ão sei em que estado de espírito seria mister que nos aproximássemos da Grécia, mas sei que dela nos acercamos a um tempo maravilhados e reverentes e, além disso, com alegre receptividade. E, quando falamos em Grécia, isto não quer dizer necessariamente que se trata de um povo, mas de povos, cujo gosto, temperamento e modo de ser formaram na Antiguidade o que se chamou Grécia. Isto é, trata-se de povos que em três continentes adotaram uma técnica de viver comum. Assim, era grego o troiano, na Ásia; grego era o macedônio Alexandre; e, nas noites dos tempos, grego era o sírio Cadmo que, certo dia, saiu em busca de Europa raptada por Zeus; conhecemo-lo como um dos heróis civilizadores da antiga Hélade.

A primeira ideia que se tem da cidade grega talvez nos venha de envolta com a notícia das grandes aglomerações antigas, como Babilônia, e como Tebas do Egito, civilizações suntuosas e monumentais, gente às centenas de milhares, reis, senhores de tesouros esplendorosos, embaixadas e comitivas de estarrecer, pelo número de componentes, pelas vestes de brilhante colorido, pelas joias e pedrarias, pela arrogância dos seus homens. Pensamos que assim seja a Grécia, projetada pelos séculos adiante devido à pujança do pensamento e da cultura. No entanto, a cidade grega, que se iniciou na Península dos Balcãs, nas costas do Mar Egeu, era pequena e singela. Localizada em região de clima mediterrâneo, tinha invernos úmidos e fracos, verões secos e quentes. Nos vales ubérrimos predominava a vegetação de folha perene: a saborosa laranja, o perfumado limão, o loureiro que coroava os heróis, a oliveira, presente dos deuses, a romã, a palmeira, a amora, a figueira. Realmente, a cidade grega se repartia em muitas cidades: Atenas e Esparta, e Tebas e Mísia e Micenas, e dezenas de outras. Como se tratava de região montanhosa onde, por entre as montanhas, os férteis vales eram viveiros de cidades, cada uma destas tinha garantida a sua independência, pelas defesas naturais. Estavam separadas e eram livres. Somente para a banda

do mar havia rotas líquidas, fáceis, que fomentavam a iniciativa, o empreendimento e a comunicação. Desde cedo, os gregos foram grandes navegantes. Toda a sua história é rica de acontecimentos no mar. Na lenda, é o mar que vai de encontro à terra. Os deuses marinhos têm tanta importância quanto os habitantes do Olimpo. Mas, já foi estudado quanto baste o papel unificador do mar na vida grega.

O Sol “é um dos dons da Grécia”. Nos valados e nos montes há poucos dias sem sol, durante o ano. O clima é ameno, os dias suaves e, se isto não explica absolutamente o gênio grego, explica por que o grego era falante, cordial, comunicativo, e por que vivia mais na do que em casa. Todos os negócios gregos se resolviam na praça pública, na Ágora, sob os auspícios do deus Agoraios, principalmente os negócios do governo da cidade, com todos os homens válidos e pensantes discutindo e opinando. Coisas de pouca monta, pois que se tratava de cidades pequenas, habitadas por gente turbulenta, dada a guerras de conquista, quando não percorria os mares em barcos de cinquenta remos, comerciando e pirateando. Tudo em pequena escala, como não podia deixar de ser, pois que raramente, como na guerra contra Troia, as cidades se uniam para um fim comum.

Quando se vem de um estudo do chamado milagre heleno, embora tudo já tenha sido dito e repetido a respeito, é como se tivéssemos encontrado alguma coisa inédita e voltássemos de um país desconhecido e encantado, com as mãos cheias de pedras raras, tiradas de mágico tesouro. E isso sem remorsos nem temores, pois que o tesouro nos pertence por inteiro.

A questão com a Grécia me parece ser a da juventude. Ela tem qualquer coisa que fala permanentemente à mocidade de todos os tempos, e que sempre, de algum modo, permanece em cada um de nós. A mocidade com seu arrojo, alegria, entusiasmo, candura, instintiva sabedoria e pureza.

Como acontece com os povos primitivos, e dado o espírito de religiosidade inato no homem, a revelação do divino aos gregos foi feita por intermédio da natureza. Os primeiros deuses vieram do seu contato com as forças naturais. Eles tiveram as ninfas das fontes, as náiades das águas correntes, as dríades das árvores, as hamadríades dos carvalhos. Tiveram as oréades das montanhas. E os deuses do mar e as nereidas e os tritões. Tiveram os deuses do céu, do dia e da noite. Tiveram o sol, a lua, as estrelas, os ventos. A revelação do Divino lhes foi feita pelo Belo, e daí veio a interpretação da natureza e do pensamento do homem. E nisto está a sua força e eternidade.

Bem que eu não gostaria de dar lições nem definições de mito. Mas poderei dizer, por alto, simplesmente, para prosseguimento da conversa, que a primeira forma do diálogo Eu-Tu, do homem com a natureza, ou do homem com Deus,

foi em forma de histórias. Isto é, de mito. Todos sabemos que o mito, a fábula, no seu sentido mais elementar, é o conto ou narração fantástica, na qual um ou vários deuses e semideuses, ou heróis divinizados, têm um papel predominante. No primeiro estágio os mitos são populares e anônimos. Os sucessivos narradores que os mantêm vivos na tradição oral dão-lhes movimento e variedade. São inúmeras as variantes, os acréscimos, as contaminações, pois o mito é coisa viva, afinal, que nasce, cresce e viceja, e nem sempre morre. Os gregos a nós nos parecem imortais, como explicaremos daqui a pouco.

Podemos saber a idade do mito numa civilização, se ele veio em primeiro lugar, ou se é criação tardia, e em que fase da cultura estudada apareceu, porquanto os mitos mais numerosos e mais antigos se referem aos fenômenos da natureza. Os mais antigos são os cosmogônicos ou meteorológicos, os que versam sobre a invenção do fogo, sobre a morte e origem do homem. Vem depois o mito que conta a história dos deuses, o que já supõe uma religião organizada, e portanto longe das origens. O último grupo pertence ao ciclo dos heróis civilizadores e compõem-se geralmente de fatos históricos deturpados. Nota-se por vezes, nesse grupo, a intenção de emprestar à cidade origens ilustres.

O culto dos heróis, tal como dele temos notícia, oferecia certa analogia com o culto dos santos, no cristianismo. Consideravam-se os heróis protetores de cidades, guardiões da pátria, alimento espiritual, modelo e alma da raça, intercessores poderosos junto aos deuses, de quem eram filhos ou mensageiros. Os povos veneravam-lhes os túmulos e as relíquias. Era assim Hércules, foi assim Teseu.

Ordenar os mitos é dar um passeio através do tempo, pois que é necessário tempo para que eles medrem. É certo que os mitos não têm dogmas nem ritos, pois ainda não são a religião. É certo que flutuam com intocáveis variantes, algumas de seqüências imprevistas, até que um poeta fixe uma das formas, como sucedeu com o relato da Guerra de Troia, e com o regresso de Ulisses, que Homero unificou. Como aconteceu com a cosmogonia mítica dos gregos, fixada por Hesíodo.

De modo que aí temos, como forma primordial das manifestações do espírito, o mito. É impossível conhecer a civilização de um povo sem conhecer-lhe a mitologia. Impossível ainda ler-lhe os autores, com algum proveito, sem saber dos seus deuses e tradições. Pensai se poderíamos conhecer o imaginoso povo grego, sem tomar contato mais íntimo com a riqueza da sua mitologia. Temo-la como base da nossa literatura (ocidental), entrosada em todas as nossas formas de expressão, riqueza de nossa arte, fundamento e estrutura do nosso pensamento. Dizíamos que a forma primordial das manifestações do espírito é o mito. Que essa primeira forma foi aproveitada e fixada pelos poetas. Se o mito está na origem da

poesia, está, por isso mesmo, na origem da literatura. E, sendo a primeira manifestação da inteligência, é necessário que a conheçamos bem, para entendermos o que vem depois, mais alto e mais abstrato.

Muito se sabe a respeito da Grécia Clássica, muito pouco a respeito da Grécia Heroica, a não ser a notícia que dela nos dão os seus poetas. No entanto, para coligir os dados para esta Mitologia basta-nos a tradição, tão importante foi para os povos o diálogo primordial dos gregos, os mitos gregos, que para nós nos parecem imortais. De imortalidade dinâmica, ressurreta e cambiante. Os mitos gregos não só existem, mas vivem; não só vivem, mas atuam. De mitos gregos se transformaram em símbolos da vida moderna. Símbolo é a Fênix, com sua tremenda vivência. Símbolo é o gigante Anteu, que haure impetuosas forças novas em contato com a mãe Terra. Esses e outros, inúmeros, são atuais e atuantes.

É de importância fundamental o contato completamente irracional com o mito, como é de se esperar que o primeiro contato com qualquer obra de arte seja irracional. Apesar do tom narrativo que predomina nos verbetes deste Dicionário, nosso objetivo não se limita a expor, à maneira de relato, as histórias, nem pretendemos ressaltar a beleza dos mitos, maravilhosos e ingênuos, dotados principalmente de uma rara poesia, a poesia que tem todos os povos na infância. A verdade é que procuramos narrar da maneira mais impessoal e objetiva. Essa a nossa primeira intenção: ausência absoluta de comentários, de reprovação ou simpatia. Quisemos expor o mito despojado. Mesmo porque a nossa mentalidade século XX<sup>1</sup> não alcança a compreensão exata, nem talvez aproximada, do espírito desse povo que viveu há milênios. Por esse motivo, não se fala em estudos ou interpretações, evemeristas ou de qualquer outra escola. Assim, a) Procuramos apresentar os mitos na sua forma pura, dialógica. b) Foram apresentados deuses, semideuses e heróis, somente os que têm mito, ou que participam de mitos. Ou seja, os que vivem. Não lhes serve de ingresso à nossa Mitologia o ser filho de Fineu, ou mulher de Cécrops, ou pai de Édipo, ser um dos Argonautas, ou uma das Danaides, se não existe por si em sua história. c) Aproveitamos todas as variantes da mesma lenda, primeiro porque a própria escolha seria um comentário, e segundo porque é essa a maneira de o mito existir: variando. Aparece o mito, tanto na sua forma primeva, referindo-se a elementos da natureza, como na relação com os deuses, e numa religião estruturada, até as aventuras dos heróis, num estágio bastante adiantado da civilização.

Muito se fala, nos mitos, em heróis que precisaram ser purificados, por terem cometido crimes de morte. Talvez se faça necessário esclarecer neste pre-

fácio, uma vez que a obra não comporta notas de pé de página, que a cerimônia de purificação era feita pelos reis como chefes de ritual, aos quais ficavam presos por laços religiosos, sagrados, aqueles a quem purificavam. Isso explica a impossibilidade em que ficaram tais reis, por vezes, de se vingarem de muito hóspede importuno, mas que, purificado por eles, se tornava intocável.

Outro esclarecimento necessário é o que se refere à ortografia e à ortoépia dos nomes gregos. Em falta de um índice onomástico de confiança, completo ou pelo menos sem contradições, ficamos, os leitores de obras clássicas, entregues aos nossos próprios recursos que, na maioria das vezes, são parcos. Há dois caminhos de entrada dos nomes gregos em nossa língua. Por intermédio do Latim e por intermédio de traduções do Francês e do Inglês, ou feitas diretamente do Grego. Desta maneira, pareceu-me que a grafia grega dos nomes teria que obedecer a dois critérios: seguir as alterações fonéticas próprias da língua latina, quando se tratava de nomes vindos por intermédio do Latim; isto nos faz compreender, por exemplo, porque o nome Creonte, vindo do caso lexicogênico latino, que é o acusativo, diverge do nominativo Créon. Em segundo lugar, nos nomes vindos diretamente do Grego, por vias eruditas, foram seguidas a pronúncia e a grafia mais próximas do Grego, com a observância das alterações fonéticas, – reduções de ditongo e deslocação de acento – peculiares à passagem para a nossa língua. Mas há um terceiro critério, imperativo, que é o uso. Deste modo, por muito que se distancie das prosódias latina ou grega, impossível grafar de outra maneira, que não seja Jasão, o nome do conquistador do Velocino de Ouro. Ou quem se lembraria de escrever à grega: Helena, Agamenon, Harmônia e outros, francamente populares, e incorporados ao patrimônio da língua portuguesa?

Outro esclarecimento importante é o de que o asterisco anteposto a qualquer palavra, no texto deste dicionário, indica que a referida palavra é objeto de verbete próprio, que o leitor facilmente localizará por ordem alfabética.

Supomos que o plano desta Mitologia foi o seu tanto atrevido e não sabemos até que ponto foi fiel a execução. De certo modo, como critério de seleção, como dicionário rigorosamente grego e rigorosamente mitológico, trata-se de obra pioneira. E aos pioneiros, por amor muito humano aos temerários, pedem-se sempre duas coisas: o ousar e o errar.

*Ruth Guimarães, 1964.*

1. [N. do E.] Texto escrito por Ruth Guimarães para a 1ª edição, publicada em 1964.

## Lista de Verbetes



### A .....

- ABAS, 29  
ABELHA, 29  
ABSIRTO, 29  
ACACÁLIS, 29  
ACACO, 29  
ACADEMIA, 30  
ACADEMO, 30  
ACALÂNTIS, 30  
ACAMAS, 30  
ACÂNTIS, 31  
ACARNANE, 31  
ACASTO, 31  
ÁCIS, 32  
ÁCMON, 32  
ACÔNTIO, 32  
ACRÍSIO, 33  
ACRÓPOLE, 33  
ACTÉON, 33  
ACTOR, 34  
ADMETES, 34  
ADMETO, 35  
ADÔNIS, 35  
ADRASTEIA, 37  
ADRASTO, 37  
AÉDON, 38  
AÉROPE, 39  
AFAREIDAS, 39  
AFRODITE, 39  
AGAMEDES, 41  
AGAMENON, 41  
AGAPENOR, 43  
AGAVE, 43  
AGDÍSTIS, 43  
AGENOR, 44  
AGIO, 44  
AGLAE, 45  
AGLAOFÊMIA, 45  
AGLAURO, 45  
AGORAIO, 45  
ÁGRON, 45  
AGRIÔNIA, 45  
ÁGUIA, 46  
AICMÁGORAS, 46  
ÁJAX, 46  
ALALCOMENEU, 49  
ALCÁTOO, 49  
ALCESTE, 49  
ALCEU, 50  
ALCÍNOE, 50  
ALCÍNOO, 50  
ALCÍONE, 51  
ALCIONEU, 51  
ALCIÔNIDAS, 52  
ALCIPE, 52  
ALCÍTOE, 52  
ALCMENA, 52  
ALCMÉON, 53  
ÁLCON, 55  
ALEBION, 55  
ALETES, 55  
ALETO, 56  
ALÉTRIO, 56  
ALEXANDRA, 56  
ALEXANDRE, 56  
ALFESIBEIA, 56  
ALFEU, 56  
ALÓADES, 57  
ALOPEIA, 57  
ALPOS, 58  
ALTEIA, 58  
AMALTEIA, 59  
AMAZONAS, 59  
AMBRÓSIA, 60  
AMBROSIA, 60  
ÂMICO, 60  
AMIMONE, 60  
AMOR, 61  
AMORES, 61  
ÂMPELO, 61  
ANATÓLIO, 61  
ANAXÁGORAS, 61  
ANAXÁRETE, 62  
ANAXÍBIA, 62  
ANAXITEIA, 62  
ANCEU, 62  
ANCOURO, 62  
ÂNDROCLO, 62  
ANDROGEU, 62  
ANDRÔMACA, 63  
ANDRÔMEDA, 63  
ANFIÁO, 64  
ANFIARAU, 64  
ANFICTIÁO, 66  
ANFÍLOCO, 66  
ANFÍMACO, 66  
ANFÍMARO, 66  
ANFITEMES, 66  
ANFITRIÁO, 67  
ANFITRITE, 68  
ÂNIO, 68  
ANQUISES, 69  
ANTEIA, 70  
ANTEMUSA, 70  
ANTENOR, 70  
ÂNTEROS, 70  
ANTESTÉRIAS, 70  
ANTEU, 70

# A



**ABAS** — 1. Menciona-se na *Iliada* um herói desse nome, epônimo do povo eubeano dos abântidas. Era filho de \*Posídon e da ninfa \*Aretusa, divindade de uma fonte vizinha de Cálcias. Uma tradição ateniense mais recente faz dele um descendente de Mécio, filho de \*Erecteu. Abas teve dois filhos: \*Calcódon e Caneto.

2. Abas, filho de \*Linceu e de \*Hipermmnestra, foi o ancestral de \*Perseu, e é considerado o fundador da cidade focidiana de Aba. Com Aglaia teve dois gêmeos: \*Acrísio e \*Preto, e uma filha, Idomeneia. Teria, além desses, um bastardo, \*Lirco, epônimo da região de Lirceia, no Peloponeso.

3. Abas, filho de \*Melampo. Atribui-se-lhe a paternidade de Lisímaca, mulher de \*Tálo e mãe de \*Adrasto.

**ABELHA** — 1. Irmã de \*Amalteia, que alimentou \*Zeus, no Monte Ida. V. *Melisseu*.

2. Uma velha sacerdotisa de \*Deméter, chamada \*Melissa (abelha), foi iniciada pela deusa em seus mistérios. As outras sacerdotisas quiseram que ela revelasse o que tinha visto, tendo Melissa se negado. Fizeram-na em pedaços. Como castigo, Deméter enviou a peste à cidade e, do corpo da morta, fez nascer as abelhas.

**ABSIRTO** — Irmão de \*Medeia, foi por ela despedaçado. V. *Jasão*.

**ACACÁLIS** — Chamada também \*Dione, filha de \*Minos, foi amada por \*Hermes e por \*Apolo. Do primeiro teve um filho, Cídon, fundador da cidade cretense de Cidônia; do segundo, três: \*Naxo, epônimo da ilha, \*Mileto e \*Anfitemes, conhecido também como \*Garamas. Quando esperava o último \*Minos, irritado com o seu procedimento, exilou-a para uma região da Líbia. É essa a origem do povo nômade dos garamantes.

**ACACO** — Filho de \*Licáon, fundou a cidade de Acacásio, na \*Arcádia. De acordo com algumas tradições, foi o pai de criação de \*Hermes.

**ACADEMIA** — Assim chamada, dizem uns, por ser o lugar onde ficou o túmulo de \*Academo, e outros que o nome vem de Equedemo, companheiro dos \*Dioscuros na expedição de busca a \*Helena. Ali Platão instalou a sua célebre escola.

**ACADEMO** — Quando \*Helena foi raptada, \*Castor e \*Pólux, seus irmãos, percorreram a Grécia toda à sua procura. Academo, herói ático, foi quem lhes revelou o lugar onde \*Teseu a retinha prisioneira. O túmulo de Academo ficava nas cercanias de Atenas, para além do bairro dos oleiros. Era cercado por um bosque sagrado, tornado célebre por Platão que ali instalou sua escola, chamada \*Academia.

**ACALÂNTIS** — \*Piero, rei da Macedônia, tinha nove filhas. Uma delas, Acalântis, ofendeu as \*Musas, dizendo que ela, Acalântis, e as irmãs, cantavam tão bem quanto as deusas; e tiveram o atrevimento de convidá-las para uma competição, as nove moças contra as nove Musas. As deusas, indignadas, trocaram-nas em pássaros. V. as *Piérides*.

**ACAMAS** — 1. Troiano, filho de \*Antenor e de Teano, bateu-se valentemente contra os gregos e foi morto por Méron.

2. Troiano, igualmente, era tio do \*Cizico e chefe de um contingente trácio. Foi morto por \*Ájax, filho de \*Télamon.

3. Filho de \*Teseu e de \*Fedra, foi o epônimo da tribo ática dos acamântidas. Não figura na *Iliada*, se bem que lendas posteriores lhe atribuem um papel importante, e a seu irmão \*Demófon, na tomada de Troia. Conta-se que Acamas tinha ido com \*Diomedes, como embaixador, a Troia, antes do começo da guerra, para reclamar \*Helena. Ali foi visto por \*Laódice, filha de \*Príamo, que se apaixonou por ele. A moça fez confidências a Filóbia, mulher de \*Perseu, que decidiu ajudá-la. Pediu ao marido, rei de Dárdanos, na Tróada, que convidasse os dois jovens, separadamente, colocando-os em seguida um ao lado do outro. Laódice passaria por uma cortesã do harém de Príamo. No fim do banquete, Laódice tinha se tornado amante de Acamas. Dessa união nasceu um filho, que cresceu na casa de Príamo, criado pela própria avó, \*Etra, mãe de Teseu, então cativa de Helena. Na tomada de Troia, diz-se que Acamas se encontrava dentro do cavalo de madeira. Obteve, como parte do butim, a cativa \*Clímene. Durante a volta permaneceu por muito tempo na Trácia, por amor de \*Filis. Foi depois para Chipre, onde fundou uma colônia. Morreu ali, ao tombar do cavalo sobre a própria espada, o que é narrado também a propósito do seu irmão \*Demófon. Afirmam outras lendas que Acamas, depois de ter participado da tomada de Troia com o irmão, voltou para a Ática com a avó, Etra, e ali, retomando o trono, reinou e morreu em paz.

**ACÂNTIS** — Autônoe e sua mulher \*Hipodâmia tinham quatro filhos: Anto, Eródio, Choeneu, Acanto, e uma filha, \*Acântis, chamada também Acanthilis. Toda a família cultivava um amplo trato de terra, pouco fecundo, pois trabalhavam pouco, seus campos eram cobertos de plantas espinhentas e juncos, e havia partes alagadiças. Daí o nome de dois dos filhos, pois *scoinos* e *acanta* significam respectivamente junco e espinho, em grego. Sua principal ocupação era a criação de cavalos, que apascentavam junto aos terrenos pantanosos. Um dia, em que Anto viera buscar os animais, alguns que não queriam deixar as pastagens se enfureceram e, atirando-se sobre o rapaz, o dilaceraram. Atraídos pelo rumor, o pai e o preceptor do moço acorreram. Tentaram em vão afastar os animais. A família se desesperou com essa morte horrível e, apiedados, \*Zeus e \*Apolo os transformaram a todos em pássaros. Autônoe em abutre, Hipodâmia em cotovia, Anto, Eródio, Choeneu, Acanto e Acântis provavelmente em variedades de pássaros cantores, e Eródio numa ave aquática. V. as *Piérides*, cuja lenda tem vários pontos de contato com essa.

**ACARNANE** — \*Alcméon, filho do adivinho tebano \*Anfiarau, tinha dois filhos: Anfótero e \*Acarnane, nascidos de \*Calíroe, a Bela-Fonte, filha do Rio \*Aquelóo. Alcméon ofendeu \*Fegeu, rei de Psófis, na \*Arcádia, e foi morto por seus filhos. Quando Calíroe soube da morte do marido, pediu a \*Zeus, que a amava, que fizesse crescer miraculosamente, da noite para o dia, os seus dois filhos ainda pequenos, a fim de que pudessem vingar a morte do pai. Zeus consentiu e os meninos, tornados moços, mataram os dois filhos de Fegeu: \*Prónoo e \*Agenor, que haviam encontrado em casa do Rei \*Agapenor. Em seguida, mataram o pai. Foram perseguidos pela população, mas conseguiram fugir para a Tegeia, na Arcádia, onde os tegéatos os protegeram. Por ordem do avô, o Rio Quelóo, dedicaram a \*Apolo, em \*Delfos, o colar de Harmônia, que ocasionara já uma longa série de mortes, tendo motivado indiretamente a morte do seu avô Anfiarau. Percorreram o Epiro, colonizaram a Acarnânia, que lhes tomou o nome, tendo sido até então a terra dos \*Curetes. Uma tradição afirma que Acarnane encontrou a morte ao tentar desposar \*Hipodâmia, filha de \*Enômao. V. *Hipodâmia*.

**ACASTO** — Filho de \*Pélias, rei de Iolco, e de \*Anaxíbia, participou da expedição dos Argonautas contra a vontade de Pélias, que imaginara a expedição apenas para se desfazer de \*Jasão. Tomou parte igualmente na caçada ao javali de Cálidon (V. *Meléagro*) e, quando Pélias foi morto por \*Medeia, reinou sobre Iolco. Durante a caçada ao javali, \*Peleu matou acidentalmente um dos caçadores, Eurícion. Para se purificar dessa morte, foi viver na corte de Iolco, junto a Acasto; por ele se apaixonou perdidamente \*Astidâmia, mulher do rei. Repelida

pelo herói, ela enviou uma mensagem à esposa de Peleu, dizendo que ele estava a pique de abandoná-la para desposar \*Estéope, a filha de Acasto. De desespero, a jovem esposa se enforcou. Não julgando suficiente ainda sua vingança, Astidâmia acusou Peleu junto a Acasto, afirmando que ele pretendia seduzi-la. Acasto acreditou. Não ousando matar o hóspede, que viera purificar-se de uma morte, imaginou levá-lo à caça, no monte Pélion, deixando-o abandonado enquanto dormisse. Para estar seguro de que as feras ou outros seres perigosos da montanha não o deixariam com vida, escondeu no excremento de vaca a espada do herói. Peleu teria morrido por obra dos \*Centuros, se um deles, o sábio \*Quíron, não o tivesse despertado a tempo e não lhe tivesse entregue a espada. Peleu voltou para o seu reino, pensando em se vingar. Teria atacado Iolco, só ou com o auxílio de Jasão, \*Castor e Pólux. Tomou a cidade, matou Astidâmia, espalhou seus membros dilacerados pela cidade e sobre os sangrentos despojos fez marchar o exército. Também matou Acasto. Noutros relatos, no entanto, consta que Peleu, sem defesa, uma vez que seu filho Áquilo estava na Ásia, foi atacado por Acasto e expulso do reino. Algumas fontes mencionam outra mulher de Acasto, \*Hipólita Creteia, filha de \*Creteu.

**ÁCIS** — Era filho do deus itálico Fauno, e da \*ninfa Simétis. Amava a ninfa \*Galateia, a qual também amava sem esperança o ciclope \*Polifemo. Este, ciumento e brutal, tentou esmagar o rival, atirando-lhe rochedos. Para escapar ao gigante, o jovem se transformou em rio.

**ÁCMON** — Hábil gigante mágico, que vivia nas florestas do Ida, na Frígia, sabia trabalhar os metais e habitava as cavernas com os irmãos. V. *Dátilos*.

**ACÔNTIO** — Era jovem e belo e foi, como todos os moços da região, à festa anual de Delos. Ali viu, acompanhada da aia, uma moça tão linda, que por ela se apaixonou imediatamente. Era Cidipeia, filha de um homem altamente situado. Acôntio a acompanhou até o templo de \*Ártemis. Enquanto se celebrava o sacrifício, apanhou um fruto e escreveu com a ponta da faca, na casca, estas palavras: “Juro por Ártemis não me casar senão com Acôntio.” Lançou-o em direção à moça, a ama o apanhou e o estendeu a Cidipeia que, inocentemente, leu em voz alta o juramento. Compreendeu a gravidade do que fizera e atirou para longe o fruto. No entanto, a frase que a ligava a Acôntio, por juramento, fora pronunciada dentro do templo, e a deusa era testemunha. Foi-se Acôntio para sua pátria, na Ilha de Céos, e, entretanto, o pai de Cidipeia preparava a filha para esponsais de sua escolha. Às vésperas do casamento, mal começaram as festas, caiu a moça gravemente enferma. Adiaram-se as núpcias. Cidipeia sarou. Novamente se marcou a festa e o mesmo misterioso mal prostrou a bela noiva. E tendo isso sucedido diversas vezes, a notícia de tais acontecimentos correu

mundo e diziam todos que ela estava enfeitiçada. Foi então o pai interrogar o oráculo em Delfos e o deus revelou o involuntário juramento, acrescentando que a cólera de Ártemis puniria cruelmente o perjúrio. Voltou o pai a Atenas, onde morava, procurou informar-se das qualidades e da família do pretendente e, não lhe parecendo este indigno da filha, um feliz casamento pôs fim à doença da moça. A mesma lenda se conta tendo como personagem Hermócares.

**ACRÍSIO** — \*Abas, rei de Argos, tinha dois filhos gêmeos: \*Preto e Acrísio, nos quais se dizia que revivia o ódio mortal que mantiveram um contra o outro os seus avós \*Egito e \*Dânao. Dizia-se também que começaram a brigar no ventre materno, muito antes do nascimento. E depois de moços foi incessante a luta, pois declararam guerra mútua, para que se decidisse quem ficaria com o trono de Argos. Nessa guerra foi que se inventou o emprego de escudos redondos. Por fim, levou Acrísio a melhor e expulsou o irmão, que partiu para a Lícia. Acrísio tinha uma filha, \*Dânae, e o oráculo lhe anunciou que um filho dela o mataria. Acrísio mandou construir um quarto de paredes de bronze, onde a aprisionou. Dânae, no entanto, foi visitada por \*Zeus, sob a forma de uma chuva de ouro. Conhecendo o seu estado de gravidez, Acrísio não acreditou na origem divina da criança, colocou Dânae e o filho \*Perseu numa caixa de ferro e a atirou ao mar. Foram ambos salvos e, depois de moço, Perseu quis ver o avô. Este partiu para Larissa, no país dos pelasgos, na Tessália, outra extremidade da Grécia, longe de Serifo, onde vivia o neto, longe de Argos, que ele próprio habitava, e ainda fora das vias que levavam a uma e outra cidade. Ora, aconteceu que o Rei Teutâmides, de Larissa, dava jogos em honra do pai, e a eles compareceu Perseu, como competidor. No momento de lançar o disco, um vento forte o desviou, o disco bateu contra Acrísio, que assistia aos jogos, imediatamente. Perseu fez enterrar Acrísio fora da cidade e voltou para Argos.

**ACRÓPOLE** — Cidadela construída na parte mais elevada das cidades gregas. Na Acrópole de Atenas erguia-se o templo de \*Atena Niquê (a Vitoriosa).

**ACTÉON** — Filho de \*Aristeu e Autônoe, de ascendência divina, portanto, pois que Aristeu era filho de \*Apolo, Actéon, o jovem caçador, foi criado pelo centauro \*Quíron e por ele iniciado nas artes venatórias. Exercitava-se nas encostas do Monte Citéron. Por ali anda \*Ártemis, a deusa de aljavas de prata, com seu séquito. Viu-a o moço caçador, certa noite de estio em que ela se banhava numa fonte. A deusa atirou-lhe um punhado de água fresca no rosto e ele foi transformado em cervo e despedaçado pelos seus próprios cães, que não o reconheceram. Em seguida, a matilha procurou em vão pelo amo percorrendo a floresta e o vale, em que vibravam seus uivos e gemidos. Diz-se que, para consolá-los, Quíron fez uma imagem à semelhança de Actéon e a colocou numa